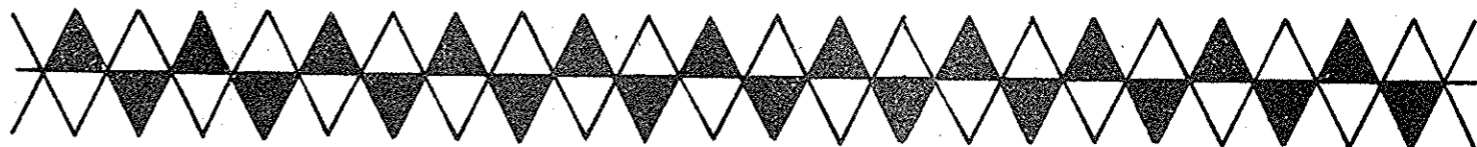


IAUALAPITI



Um modelo bem brasileiro para os chamados civilizados

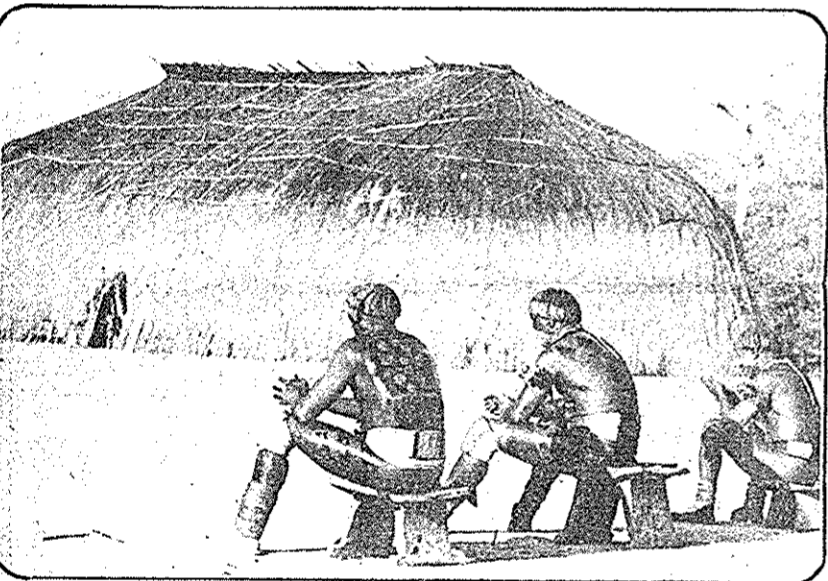
José Waldemar Teixeira de MELO
Fotos: Ademir e Aluisio



A criança iaualapiti pode fazer o que bem entender e todos dão gargalhadas quando ela faz manha.



As mulheres iaualapiti não se queixam de discriminação, apesar de muitas limitações aos seus costumes.



Numa só palhoça vivem mais de vinte iaualapiti de uma ou mais famílias



Os camaiurá enfeitam-se pintando o corpo com tinta de urucum e óleo de pequi.

EM tempo de Constituinte, imagine uma coletividade sem chefes, sem ser anárquica. Pense numa ordem econômica sem a propriedade, onde tudo pertence a todos. Conceba uma sociedade em que os conflitos raramente acontecem, simplesmente porque não faz a menor idéia do que seja a usurpação. Eis um modelo genuinamente brasileiro de organização política, econômica e social. Vigora entre os iaualapiti, uma das dezesseis nações do Xingu, todas identificadas por um traço mais ou menos comum de costumes.

Os iaualapitis são pouco mais de uma centena e formam a tribo menos populosa de toda a região do Xingu, onde vivem dois mil indígenas ocupando uma área do tamanho do Estado de Alagoas. O avanço de estranhos sobre suas terras diminuiu consideravelmente após a fixação dos limites da reserva, a ser demarcada no compasso da lenta liberação de recursos pelo poder público.

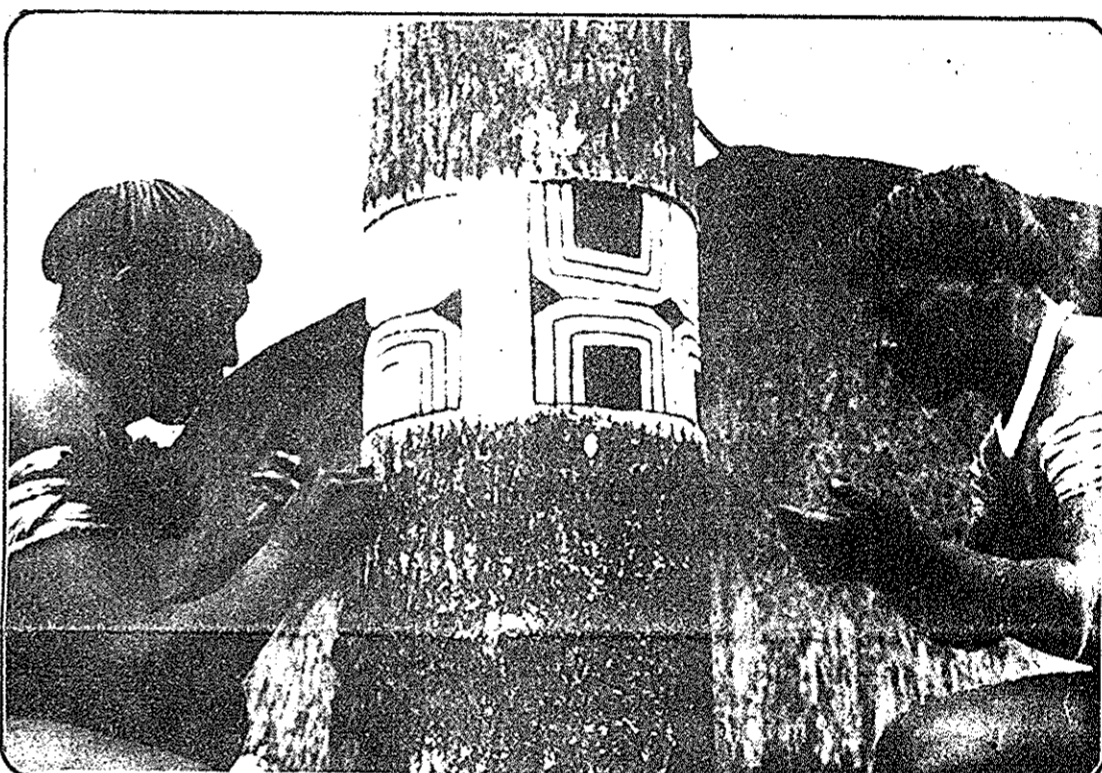
A mais alta autoridade iaualapiti, o cacique Aritana, não chega a ser um chefe segundo a noção do civilizado. Aproxima-se da figura do líder, ou seja, o que está mais na frente e sobre quem recai a outorga de poderes para falar em nome dos demais. Segundo suas próprias palavras, nem ele nem qualquer de seus antecessores toma ou tomou qualquer decisão antes de consulta à comunidade. A ele não cumpre dar ordens, pois a ordem é a decidida coletivamente e respeitada na mais absoluta espontaneidade.

Ali, de fato, os direitos individuais estão limitados apenas pelas imposições da convivência, mesmo porque são raríssimos os motivos para divergências. A sobrevivência custa o esforço de cada um na busca do alimento, sejam na pesca, na caça ou no cultivo das roças de mandioca, milho, banana e feijão. Trabalhar para comer é uma ordem natural acatada sem resistências ou hesitações. A acumulação de bens não constitui propriamente uma instituição do capital. Individualmente, os iaualapiti, como os camaiurá, os calapalo, os trumai e outros do Xingu, são donos apenas dos objetos de uso pessoal.

Guardam o passado pela tradição oral e cultuam rica mitologia, onde descrevem o primeiro homem, a origem do sol, da lua e das estrelas, a conquista do fogo, o destino dos mortos, a formação dos rios. As leis são os costumes e as lições de vida muitas vezes se manifestam através de fábulas, como a da canoa encantada, da matança das onças, do sapo astucioso, do ciúme e do patricídio, da mãe que entrega a filha ao bicho, da inundação e do fim do mundo. Outras lendas e mitos traduzem a sabedoria, como a crença na água que rejuvenesce e a figura do dono das araras vermelhas.



Os tocadores da flauta aurá incluem-se entre os notáveis de qualquer das aldeias do Xingu.



O tronco pintado representa o morto pranteado nas cerimônias do Kuarup.



Mulheres calapalo chegam à aldeia iaualapiti para a festa do Kuarup.



Gente de quatro tribos visitou os iaualapiti para o torneio de huka-huka.



Na luta do huka-huka ganha quem consegue bater a mão na coxa do adversário.

ESTADO DE MINAS
BH 1º/10/85
SEÇÃO